



Edgar Allan Poe ■ Ernani Fornari ■ Horacio Quiroga
H. P. Lovecraft ■ Humberto de Campos
Lygia Fagundes Telles ■ Machado de Assis
Pedro Bandeira ■ Saki ■ W. W. Jacobs

Histórias para não dormir

Dez contos de terror

Seleção e organização
Luiz Roberto Guedes
Emílio Satoshi Hamaya

Ilustrações
Piero Pierini

Histórias para não dormir: dez contos de terror

© Ernani Fornari, Lygia Fagundes Telles, Pedro Bandeira, W. W. Jacobs, 2009

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabricao Waltrick
Editor assistente	Emilio Satoshi Hamaya
Redação “Quero mais”	Thompson Loiola
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Alessandra Miranda de Sá e Claudia Cantarim

ARTE

Projeto gráfico	Marcos Lisboa, Suzana Laub, Katia Harumi Terasaka, Roberto Yanes
Editor	Vinicius Rossignol Felipe
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Signorini Produção Gráfica
Pesquisa iconográfica	Silvio Kligin (coord.), Jaime Yamane, Josiane Camacho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C781

Histórias para não dormir : dez contos de terror / Edgar Allan Poe... [et al.] ; organização Luiz Roberto Guedes ; ilustrações Piero Pierini. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2009.
152p. : il. - (Quero ler)

Acompanhado de suplemento de atividades

Apêndice

ISBN 978 85 08 12562-3

I. Literatura infantojuvenil. 2. Contos de terror. I. Poe, Edgar Allan, 1809-
-1849. II. Guedes, Luiz Roberto. III. Pierini, Piero. IV. Título.
V. Série.

09-1477.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 12562-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 12563-0 (professor)

Código da obra CL 736636

2014

1ª edição | 5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2009
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Histórias para acordar o medo

O conto de terror é o fruto mais sombrio da árvore chamada literatura fantástica, que abrange uma variedade de “ramos” ou subgêneros como o fantástico, o terror sobrenatural, o maravilhoso dos contos de fadas, a ficção científica, sagas de magia e fantasia, lendas de vampiro e lobisomem, e um vasto universo alternativo.

As raízes desses gêneros são antigas como a civilização: o fantástico, o horror e o terror sobrenatural estão presentes em mitologias milenares e em inumeráveis obras ao longo da história, da Odisseia de Homero às peças de Shakespeare. A narrativa fantástica clássica nos confronta com acontecimentos insólitos que representam uma “violação dos limites do tempo, espaço e das leis da natureza”, na definição do especialista em terror H. P. Lovecraft. Portanto, a lei que rege esse universo ficcional é levar o leitor a “quase acreditar” em mundos e poderes extraordinários ou sobrenaturais. Porém, mais do que intrigar, a literatura de terror busca essencialmente provocar medo, “a mais antiga e mais forte emoção humana”, como adverte o mestre Lovecraft, ressaltando que o mais antigo e mais profundo é o medo do desconhecido.

Este Histórias para não dormir reúne autores estrangeiros e brasileiros que praticaram magistralmente essa arte de arrepiar o leitor. Como exemplo do terror causado pelo desconhecido, os contos “Os olhos que comem carne” (Humberto de Campos), “A mão do macaco” (W. W. Jacobs), “A caçada” (Lygia Fagundes Telles), “Vento frio”

(H. P. Lovecraft) e “Por que matei o violinista” (Ernani For-nari) desafiam nossa racionalidade com eventos absurdos ou inexplicáveis. Entretanto, o reino do terror é principalmente o mundo real, e sua causa é a própria natureza humana: o estranho pode ser fruto de sonhos, ilusões, alucinações ou loucura. Assim, os demais contos flagram o terror que explode no cotidiano: “A galinha degolada” (Horacio Qui-roga), “O barril de Amontillado” (Edgar Allan Poe), “Sredni Vashtar” (Saki), “O capitão Mendonça” (Machado de Assis) e “Os cachos da situação” (Pedro Bandeira).

De resto, os fãs dos filmes de terror conhecem bem as arti-manhas do gênero, tanto quanto nossa invencível atração pelas garras geladas do medo. É hora de abrir este livro e ativar a máquina literária que desperta terrores primitivos. Escolhemos estes pesadelos para você com a mais malévola das intenções. Pode acreditar.

Luiz Roberto Guedes



Sumário

Sredni Vashtar | 7

Saki

Os cachos da situação | 17

Pedro Bandeira

A mão do macaco | 27

W. W. Jacobs

Por que matei o violinista | 45

Ernani Fornari

O barril de Amontillado | 59

Edgar Allan Poe

A caçada | 69

Lygia Fagundes Telles

A galinha degolada | 77

Horacio Quiroga

Os olhos que comiam carne | 89

Humberto de Campos

Vento frio | 97

H. P. Lovecraft

O capitão Mendonça | III

Machado de Assis

Quero mais | 147



Sredni Vashtar

Saki

No conto a seguir, a imaginação é o único refúgio de um menino doente, frágil, sem carinho de mãe e submetido a uma tutora autoritária, a quem ele detesta. Brincando solitário, um barracão se transforma num reino de fantasia, onde ele pode dar asas à sua imaginação. Assim, o garoto chega ao extremo de criar uma divindade primitiva: um deus animal, ao qual dá nome, oferece preces, hinos... até o momento de lhe pedir uma dádiva. Será que um desejo secreto – sussurrado em sua mente – pode se tornar realidade? Mas um animal com garras e presas afiadas pode ser um perigo mortal! No mundo do menino Conradin, parece não haver nenhuma inocência... nem limite para o poder da imaginação.



Conradin tinha dez anos de idade e o médico manifestou sua opinião profissional de que o menino não viveria nem cinco anos mais. O médico era sedoso e efeminado, e contava pouco, mas sua opinião era endossada pela senhora De Ropp, que contava muito. A senhora De Ropp era prima e guardiã de Conradin e aos olhos dele ela representava aqueles três quintos do mundo que são necessários, desagradáveis e reais; os outros dois quintos, em perpétuo antagonismo com os precedentes, resumiam-se a ele próprio e sua imaginação. Conradin achava que um dia desses ia sucumbir à dominante pressão de coisas necessárias e cansativas, como doenças, restrições opressivas e aborrecimentos planejados. Sem sua imaginação, que era exuberante sob a pressão da solidão, ele teria sucumbido há muito.

A senhora De Ropp jamais confessaria, mesmo em seus momentos mais sinceros, que não gostava de Conradin, embora pudesse ter uma vaga consciência de que oprimir o menino “para o seu bem” era um dever que não achava particularmente desagradável. Conradin a odiava com uma desesperada sinceridade, que era perfeitamente capaz de mascarar. Os poucos prazeres que conseguia arquitetar para si mesmo ganhavam um tempero extra pela probabilidade de que seriam desagradáveis à sua guardiã, e do reino de sua imaginação ela era banida: uma coisa impura, que não podia ganhar admissão.

No jardim sem graça e triste, vigiado por tantas janelas sempre prontas a se abrir com uma mensagem de não fazer isto ou aquilo, ou um lembrete de que estava na hora do remédio, ele encontrava pouco atrativo. As poucas árvores frutíferas ali existentes ficavam ciosamente impedidas de se colher delas, como se fossem raros espécimes de sua espécie

a florescer num árido sertão; provavelmente seria difícil encontrar um verdureiro que oferecesse dez xelins¹ por toda a produção anual. Num canto esquecido, porém, quase escondido atrás de um triste arbusto, havia um barracão de ferramentas abandonado, de proporções respeitáveis, e entre suas paredes Conradin encontrou um abrigo, algo que assumia aspectos variados de sala de brincadeiras e catedral. Ele o havia povoado com uma legião de fantasmas familiares, evocados em parte de fragmentos de história, em parte de sua própria cabeça, mas exibia também dois ocupantes de carne e osso. Num canto vivia uma galinha Houdan de plumagem despenteada sobre a qual o menino despejava um afeto que não tinha nenhuma outra forma de se manifestar. Mais para o fundo, no escuro, ficava uma gaiola grande, dividida em dois compartimentos, um dos quais tinha à frente barras de ferro bem juntas. Era a morada de um grande furão que o menino do açougueiro tinha trazido escondido, gaiola e tudo, para sua atual localização, em troca de um monte de moedinhas acumuladas em longo tempo.

Conradin morria de medo do bicho ágil, de presas afiadas, mas era a coisa mais preciosa que possuía. Sua mera presença no barracão de ferramentas era uma alegria secreta e amedrontadora, a ser mantida escrupulosamente escondida do conhecimento da Mulher, como ele chamava em particular sua prima. E um dia, sabe-se lá de onde, ele inventou para o bicho um nome maravilhoso, e desse momento em diante o furão transformou-se num deus e numa religião. A Mulher praticava a religião uma vez por semana numa igreja próxima e levava Conradin com ela, mas aquele culto era-lhe estranho. Toda quinta-feira, no silêncio penumbroso e

1 Designação, em português, da moeda britânica *shilling*, que, até fevereiro de 1971, valia a vigésima parte da libra esterlina. (N.E.)

embolorado do barracão de ferramentas, ele celebrava um místico e elaborado cerimonial diante da gaiola de madeira onde vivia Sredni Vashtar, o grande furão. Flores vermelhas em sua estação e frutas roxas no inverno eram ofertadas em seu altar, porque ele era um deus que punha certa ênfase especial no lado ferozmente impaciente das coisas, ao contrário da religião da Mulher, que, na medida em que Conradin conseguia perceber, ia bem longe em direção contrária. E nas grandes festas, noz-moscada em pó era espalhada na frente de sua gaiola, sendo um aspecto importante que a noz-moscada devia ser roubada. Essas festas ocorriam de modo irregular e eram marcadas principalmente para celebrar algum evento passageiro. Numa ocasião, quando a senhora De Ropp sofreu uma aguda dor de dentes por três dias, Conradin manteve a festa durante os três dias inteiros e quase conseguiu se vencer de que Sredni Vashtar era pessoalmente responsável pela dor de dentes. Se aquilo durasse mais um dia, o suprimento de noz-moscada teria se esgotado.

II

A galinha Houdan nunca participava do culto a Sredni Vashtar. Conradin tinha determinado havia muito que ela era uma anabatista. Ele não fingia ter a mais remota ideia do que seria um anabatista, mas em particular esperava que fosse algo ousado e não muito respeitável. A senhora De Ropp era o nível no qual ele baseava e detestava toda respeitabilidade.

Depois de algum tempo, a concentração de Conradin no barracão de ferramentas começou a atrair a atenção de sua guardiã.

– Não é bom para ele ficar vagabundeando lá o tempo todo – ela decidiu prontamente.



E anunciou um dia ao café da manhã que a galinha Houdan tinha sido vendida e fora levada embora durante a noite. Com seus olhos míopes ela examinou Conradin, à espera de que tivesse um ataque de raiva ou de tristeza, que estava pronta a reprimir com uma torrente de excelentes preceitos e argumentos. Mas Conradin não disse nada: não havia nada a dizer. Alguma coisa talvez em seu rosto vazio deu a ela certa momentânea inquietação, pois na hora do chá naquela tarde havia torrada na mesa, uma iguaria que ela normalmente proibia sob o argumento de que não fazia bem a ele; e também porque o preparo da torrada “dava trabalho”, ofensa mortal ao olhar feminino da classe média.

– Pensei que gostasse de torrada – ela exclamou, com ar injuriado, vendo que ele não a tocara.

– Às vezes – disse Conradin.

No barracão naquela noite, houve uma inovação no culto do deus engaiolado. Conradin estava acostumado a entoar-lhe louvores; naquela noite pediu uma bênção.

– Faça uma coisa por mim, Sredni Vashtar.

A coisa não foi especificada. Como Sredni Vashtar era um deus, ele deveria saber. E, engolindo um soluço ao olhar para o outro canto, vazio, Conradin voltou ao mundo que tanto detestava.

E toda noite, no escuro bem-vindo de seu quarto, e toda tarde na penumbra do barracão de ferramentas, elevava-se a amarga litania de Conradin:

– Faça uma coisa por mim, Sredni Vashtar.

A senhora De Ropp notou que as visitas ao barracão não cessaram e um dia fez mais uma inspeção.

– O que você guarda trancado naquela gaiola? – ela perguntou. – Acho que são porquinhos-da-índia. Vou mandar levar embora.

Conradin fechou a boca com força, mas a Mulher revirou seu quarto até encontrar a chave cuidadosamente escondida e sem demora marchou para o barracão, a fim de completar sua descoberta. Era uma tarde fria e Conradin fora orientado a permanecer na casa. Da janela mais distante da sala de jantar dava para ver a porta do barracão além do canto do arbusto e ali Conradin se posicionou. Viu a Mulher entrar, e então imaginou que ela abria a gaiola sagrada e espiava com seus olhos míopes a farta cama de palha onde seu deus estava escondido. Talvez ela apalpassse a palha em sua desajeitada impaciência. E Conradin sussurrou ardentemente sua prece pela última vez. Mas sabia ao rezar que não acreditava. Sabia que a Mulher sairia naquele momento estampando no rosto aquele sorriso que ele tanto detestava e dentro de uma ou duas horas o jardineiro levaria embora seu maravilhoso deus, não mais um deus, mas um simples furão marrom numa gaiola. E ele entendeu que a Mulher triunfaria sempre como triunfava agora e que ele cresceria sempre mais adoentado debaixo da sabedoria superior, dominadora e incomodativa até um dia nada mais importar muito para ele e o médico provar que tinha razão. E, no aguilhão e na desgraça de sua derrota, ele começou a entoar em voz alta e desafiadora o hino de seu ídolo ameaçado:

III

*Sredni Vashtar avançou,
seus pensamentos eram pensamentos vermelhos e seus
dentes, brancos.
Seus inimigos pediam paz, mas ele levou-lhes a morte.
Sredni Vashtar, o Belo.*

E então de repente ele interrompeu seu canto e chegou mais perto da vidraça. A porta do barracão ainda estava aberta como tinha sido deixada e os minutos passavam. Foram longos minutos, mas passaram mesmo assim. Viu os estorninhos correrem e voarem em pequenos bandos pelo gramado; contou-os uma e outra vez, com um olho sempre na porta de vai e vem. Uma criada de cara azeda entrou para arrumar a mesa do chá e mesmo assim Conradin ali ficou, esperou, observou. A esperança havia se infiltrado aos milímetros em seu coração e agora um ar de triunfo começara a reluzir em seus olhos que tinham conhecido apenas a sensata paciência da derrota. Baixinho, com uma furtiva exultação, ele começou uma vez mais seu canto de vitória e devastação. E então seus olhos foram recompensados: por aquela porta passou um bicho longo, baixo, amarelo e marrom, com olhos piscando à luz minguante do dia e escuras manchas úmidas em torno da boca e do pescoço. Conradin caiu de joelhos. O grande furão desceu até um pequeno regato nos fundos do jardim, bebeu um momento, depois atravessou a pontezinha de madeira e sumiu de vista nos arbustos. Assim foi a passagem de Sredni Vashtar.

– O chá está pronto – disse a criada de cara azeda. – Onde está a patroa?

– Ela foi até o barracão faz algum tempo – disse Conradin.

E, enquanto a criada ia chamar sua patroa para o chá, Conradin pegou um garfo de tostar da gaveta do aparador e passou a torrar para si um pedaço de pão. E enquanto o torrava e passava bastante manteiga, enquanto gozava o lento prazer de comê-lo, Conradin ouviu os ruídos e silêncios que vinham em rápidos espasmos do outro lado da porta da sala de jantar. O grito desvairado da empregada, o coro de exclamações assombradas em resposta na cozinha, os passos corridos e as apressadas buscas de ajuda externa, e então, de-

pois de uma pausa, os soluços assustados e o passo arrastado daqueles que traziam uma carga pesada para dentro da casa.

– Quem vai contar para o pobre menino? Eu não tenho coragem! – exclamou uma voz aguda.

E, enquanto discutiam o assunto entre eles, Conradin preparou para si mais uma torrada.

Tradução de José Rubens Siqueira

Saki

pseudônimo literário do britânico Hector Hugh Munro (1870-1916), é considerado um dos melhores contistas do seu tempo. Suas narrativas costumam trazer críticas à sociedade e finais surpreendentes. Criado por duas tias rabugentas, não teve uma infância feliz – talvez por isso muitas de suas histórias mostrem a crueldade de que as crianças são capazes. O conto “Sredni Vashtar” foi publicado em 1911, no livro *The chronicles of Clovis*.

